

BILLIE HOLIDAY: UM CORPO A SERVIÇO DO GOZO

Julie Travassos Gallina

Freud desde o princípio unifica a psicologia individual e a psicologia coletiva entendendo que a experiência subjetiva remete-se invariavelmente a um laço primordial com o Outro. Deste modo, embora o trabalho da psicanálise privilegie uma escuta individual, leva em conta o laço social que o sujeito estabelece em primeira instância com a mãe, que brinda o sujeito com significantes, incluindo-o na linguagem.

Sendo o Outro cultural primordialmente a mãe e, portanto, primeiro objeto amoroso de todo sujeito, os primeiros indícios pulsionais de ordem sexual em uma criança têm seu aparecimento atrelado ao investimento de um outro que erotiza seu corpo através de cuidados maternos.

Este trabalho pretende descrever um fragmento da biografia da consagrada cantora de *jazz* Billie Holiday, dando destaque ao modo como esta se posiciona na cultura e o uso que faz de seu próprio corpo. Toda sua história de vida é permeada por episódios onde o corpo encontra-se a serviço da exibição e do maltrato.

Esta pesquisa foi baseada primordialmente na autobiografia de Billie Holiday (1985), na qual ganham destaque cenas de sua infância. Billie passou grande parte deste período compartilhando a casa com seus avós, primos e sua bisavó, pois seu pai excursionava com sua banda e sua mãe viajava constantemente em busca de emprego. A convivência na residência onde morava se tornou cada vez mais árdua, pois travava batalhas com sua prima Ida que lhe espancava tendo ou não motivo que justificasse tal conduta.

Aos dez anos de idade, Billie escolheu servir aos outros como doméstica, tal qual sua mãe, lavando banheiros, escadas e cozinhas, até exaurir seu corpo. Aos treze sua mãe enviou-lhe para morar em um apartamento luxuoso administrado por uma

cafetina. Admitia, ao contrário de sua mãe, saber que o apartamento era, em realidade, um “puteiro”. Segundo sua mãe reservam-se apenas dois destinos para uma mulher negra e desprovida de recursos nascida em Baltimore: tornar-se prostituta ou doméstica. Destarte, “com essas duas ocupações, apresentavam-se os dois modos de vida a que ela podia aspirar: doméstica ou prostituta, tarefas de corpo cativo” (MARTOCCIA; GUTIÉRREZ, 2003, p. 67).

Segundo Billie apenas a bisavó cuidava dela. Descreve o sentimento que unia as duas como um misto de “amor e fascínio”. A bisavó havia sido escrava, trabalhando para um fazendeiro com quem teve dezesseis filhos. Surpreendentemente, todos nasceram mortos com exceção de seu avô. Billie zelava pela saúde de sua bisavó, uma vez que esta sofria de hidropisia. De acordo com a recomendação médica ela deveria se manter sentada, visto que se deitasse morreria. Após dez anos decidiu que se deitaria e pediu à bisneta que a acompanhasse. Billie, embora inicialmente houvesse relutado, acatou seu desejo e quando acordou sua bisavó estava morta.

O braço de minha bisavó ainda estava em volta do meu pescoço, me apertando, e eu não podia me mover. Tentei um monte de vezes e então fiquei apavorada. Ela estava morta e eu comecei a gritar. Os vizinhos vieram correndo. Tiveram que quebrar o seu braço para me soltar. Então me levaram para um hospital. Fiquei lá durante um mês em estado de choque (HOLIDAY, 1985, p. 11).

Afirma que, a partir de então, não suportava o contato com pessoas mortas, o que fez com que ela “saísse de si” nos momentos em que se deparava com a morte, tal como, por exemplo, nos velórios de sua mãe, seu pai e sua prima. Embora assegure ter passado mal nestas ocasiões, confere extrema relevância a outra cena traumática relativa à morte que ocorreu logo após o falecimento de sua bisavó.

Aos dez anos Billie envolveu-se sexualmente com um de seus vizinhos e teve como punição ficar reclusa em uma instituição católica. No período em que esteve

recolhida neste estabelecimento ressaltou uma passagem que lhe suscitou intensa angústia. Se alguma das regras impostas pelas freiras fossem transgredida como punição a pessoa deveria usar um vestido vermelho. Na primeira vez que presenciou essa cena, havia uma jovem com o determinado traje agitando-se em um balanço. A Madre Superiora então mirou a jovem e enunciou para um grupo de moças: “Apenas lembrem-se disso, Deus vai puni-la. Deus há de puni-la” (HOLIDAY, 1985, p. 19). Em seguida ouviu-se um estrondo. A jovem havia se desprendido do balanço sobrevoando o pátio. Quando a localizaram estava morta, com o pescoço quebrado. Algum tempo depois, Billie estreou o vestido e foi colocada para dormir em um quarto atípico, onde se encontrava o corpo da jovem morta pela queda do balanço. Segundo ela passou a noite esmurrando a porta até suas mãos sangrarem. No dia de visitas posterior a este episódio, implorou para que sua mãe conseguisse sua liberação e ela assim o fez.

Esta era somente a primeira de uma série de oito prisões. Havia dois motivos que levavam Billie à polícia: durante a infância o sexo tinha papel primordial, enquanto na idade adulta seu envolvimento com as drogas prevalecia. Desde os quatorze anos começou a fazer uso de maconha e bebidas alcoólicas. Aos vinte e seis anos, por ocasião de seu primeiro casamento, passou a fazer uso de ópio e um ano depois de heroína. Quando seu corpo já se encontrava inteiramente perfurado por agulhas, Billie injetava a droga em sua própria vagina.

Para Billie a droga a encorajava para “enfrentar” o palco. Além disso, tinha o hábito de ser “surrada” por seus companheiros para garantir um bom recital. Billie casou-se quatro vezes. Construía relações demasiadamente destrutivas, pois os homens elegidos por ela obedeciam, sucessivamente, ao mesmo estereótipo: “trapaceiros, hostis, desleais, agressivos”. Billie narra em sua autobiografia diversos momentos onde incitava seus maridos até que eles a agredissem. Entretanto este evento não se repetia

apenas em relação aos seus companheiros, pois Billie envolvia-se continuamente em episódios de violência alternando entre as posições de agressora e agredida. Foram registradas, por exemplo, vinte e sete brigas em uma semana enquanto Billie se apresentava em uma boate.

Todos os homens com quem Billie se relacionava tornavam-se, a pedido dela, seus agenciadores, o que acarretava invariavelmente em ter seu dinheiro roubado. “Eu estava fazendo três mil e quinhentos dólares por semana, mas não tinha um níquel no bolso. John cuidava de toda parte financeira e eu não tinha ordem para sacar nem cinco dólares” (HOLIDAY, 1985, p. 159).

Todo corpo é circunscrito por alcances limitados. Aos quarenta e quatro anos o corpo de Billie pereceu definitivamente. Billie morreu em um quarto de hospital, vigiada por dois investigadores federais, pois uma enfermeira flagrou resquícios de heroína em seu nariz, acontecimento que teve como consequência mais uma prisão. Assim, cumpriu sua última pena em seu leito de morte.

Que podemos dizer de trajetórias insistentemente marcadas pelo gozo que se presentifica através do corpo? O percurso trilhado por Billie Holiday parece evidenciar o modo peculiar como lida com seu próprio corpo, gozando deste, fazendo tentativas infundáveis de atacá-lo.

A história de Billie corrobora o que Lacan (1974/1993) propôs em *A terceira* ao declarar que “um corpo é algo que é feito para gozar, gozar de si mesmo” (LACAN, 1974/1993, p. 92). Billie utiliza seu corpo como instrumento de gozo, avaliando seus limites até, efetivamente, levá-lo ao Nirvana.

Este recorte da história de Billie evidencia a forma como o inconsciente aparece como alteridade, como se uma força vinda de fora penetrasse no desejo e obrigasse o sujeito a cometer um ato que não fosse propriamente seu. Embora Billie escolhesse

repetidamente seguir um caminho que a levaria à morte, não se dava conta disso, visto que o saber inconsciente é um saber não sabido. Freud (1915/1996) dá relevo ao inconsciente enquanto aquele que serve de bússola para as escolhas do sujeito, sem que haja, contudo, um saber consciente.

O inconsciente tal como a psicanálise o propõe ganha status imperativo e passa a ser vislumbrado como a força motriz do aparelho psíquico, fazendo o sujeito conduzir sua vida conforme seus desejos inconscientes. Segundo Freud (1915/1996), o inconsciente é aquele que está sempre se fazendo notar, que surge onde não é esperado e se manifesta burlando as normas da consciência, e é dotado de uma intencionalidade e temporalidade próprias que se presentificam, tal como Lacan (1964/1998) afirma em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*: como uma fissura, um hiato que promove essencialmente um deslize, através de suas formações — os chistes, os atos falhos, os sonhos e os sintomas. “Em suma, deve-se dizer que o inconsciente continua naquilo que conhecemos como derivados”, diz Freud, “que é acessível às impressões da vida” (FREUD, 1915/1996, p. 195).

Freud promoveu a aliança entre inconsciente e corpo desde os primórdios da psicanálise, possibilitando-nos pensar nas manifestações inconscientes presentificadas através do corpo. Uma das vertentes freudianas apreende o corpo no registro do Real, embora a noção de Real advenha apenas com Lacan. O corpo pulsional marcado pela fusão e des fusão de Eros e Tânatos, encontra-se prisioneiro do significante, assinalado pela linguagem. Como alicerce pulsional o corpo é a via que acolhe e propaga mensagens, “falando” através do gozo. O corpo pode ser concebido enquanto aquele que padece das inscrições significantes deixados pelo Outro da linguagem, pois segundo Lacan as “palavras introduzem no corpo algumas representações” (LACAN, 1974/1993,

p. 94). Que mensagem Billie almejava transmitir através de seu corpo? De que forma ela interpretou a mensagem do Outro?

Em sua autobiografia Billie dá destaque a significantes imbuídos de torpeza utilizados para designá-la que parecem ter assinalado seu corpo determinando um modo próprio de perpetuar o gozo, engessando-a em uma posição subjetiva peculiar: “puta”, “pobre”, “drogada”, “negra”, “empregada”, “violentada”.

O dito materno que presumiu duas únicas profissões para Billie, “prostituta e empregada”, parece ter se tornado um vaticínio. Para Billie “puta” não é somente a mulher que oferece o corpo em troca de dinheiro, mas “a mulher de um homem”. Não é por acaso que Billie nomeia os homens com quem se relacionou de “cafetões”, pois estes “administravam” seu corpo e seu dinheiro. Administrar é a expressão eufemística que Billie utilizava para dizer daqueles que a roubavam e espancavam.

Billie Holiday utiliza o sobrenome paterno ainda que este não conste em seus registros e parecendo ratificar essa escolha opta também por seguir a profissão do pai: musicista. Na noite em que recebeu a notícia da morte de seu pai afirmou que, ainda assim, fez sua apresentação. Acreditava que esse era o desejo dele: ela devia cantar. De que forma ela interpretou o desejo do Outro?

Billie reivindica ao longo de seu livro cuidado e amor de seus pais e dá acento a relação estabelecida entre ela e sua bisavó. De acordo com sua descrição esta parece ser seu mais valioso objeto de amor. O significante “escrava”, procedente de sua bisavó, admite um duplo registro, pois conjuga as posições de escrava enquanto “puta”, escrava sexual, e escrava como aquela que cuida da casa, “doméstica”.

A história de sua bisavó traz, sobretudo, a marca da morte. De dezesseis filhos gerados por sua bisavó quinze nascem mortos. Quando a bisavó decide morrer ao deitar-se, optando pela eutanásia, escolhe Billie para que a ajude a consumir tal ato. Que

efeitos podem ter tido para Billie ser cúmplice da morte da bisavó? Que repercussão teve para ela o fato de deparar-se por duas vezes com mulheres mortas (a bisavó e a jovem que usava o vestido vermelho) atadas a ela?

Algo se desencadeou em decorrência da morte de sua bisavó? A partir desta cena traumática Billie passou a maltratar seu corpo das formas mais variadas: incitava o outro a espancá-la; perfurava inteiramente seu corpo injetando heroína; como prostituta vendia o corpo; aos maridos oferecia-o para massacre e pagava por isso, já que estes roubam toda sua fortuna. Encerrava-se, enfim, em um corpo cativo.

BIBLIOGRAFIA

CLARKE, D. **Wishing on the moon**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

FREUD, S. O inconsciente (1915) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas Psicológicas de S. Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOLIDAY, B. **Lady sings the blues – Uma autobiografia**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ A terceira In: **Intervenciones y textos 2** (1974). Buenos Aires: Manantial, 1993.

MARTOCCIA, M.; GUTIÉRREZ, J. **Corpos frágeis, mulheres poderosas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SOBRE A AUTORA

Julie Travassos. Psicanalista. Mestre em Psicanálise pela Universidade Veiga de Almeida. Participante de Formações Clínicas do Campo Lacaniano/Rio de Janeiro.